

Revista Portuguesa de
Humanidades
Estudos Literários

HENRIQUE BARROSO

Pistas para uma leitura dos *Bichos*
à luz d(um)a análise semiótica de “Morgado”



Pistas para uma leitura dos *Bichos* à luz d(um)a análise semiótica de “Morgado”

HENRIQUE BARROSO

Universidade do Minho
hbarroso@ilch.uminho.pt

Abstract

Based on a semiotic analysis of “Morgado” in three stages (the determining of the macro-propositions, the identification of the main isotopies and a double explicature – semiotic square and illustration with three images – of its semiosis), I will give hints for a reading of the other thirteen stories that constitute *Bichos* by Miguel Torga.

Keywords: Squire (Morgado), donkey-driver (almocreve), humanity / animality, light (Leitmotiv); *Animals*: structuring antinomies.

0. Introdução

Apesar de não ser muito canónico, vou encetar este estudo com uma citação (relativamente longa) de Eco (1984: 96), e faço-o tão-só porque remete exactamente para o tipo de análise do conto “Morgado” que aqui se leva a efeito. Ei-la, pois:

[...]: *uma boa representação enciclopédica, potencialmente infinita, já é um texto in nuce, um texto incoativo, um texto pronto para expandir-se. Um texto nada mais é que aquele mecanismo que prescreve quais propriedades, na representação enciclopédica dos termos que o compõem, devem ser narcotizadas e quais devem ser enfatizadas, de modo a se podem dar amálgamas e, assim, estabelecer níveis de sentido ou isotopias no interior do texto. A maneira pela qual o texto estabelece quais as propriedades que devem ser abandonadas e quais as propriedades que, ao contrário, devem ser consideradas, não faz parte da representação semântica dos termos, mas de algumas estratégias pelas quais o texto prescreve o tema do próprio texto, ou *topic*, e o conjunto de pressuposições pré-textuais e inter-textuais que vão entrar em jogo e postas em função, a fim de que esta opera-*

ção de narcotização e de enfatização dos semas seja possível e a coerência textual seja estabelecida no amálgama dos semas escolhidos e tornados pertinentes¹.

Com efeito, os sememas |Morgadol e |almocrevel (as duas personagens principais do conto) são textos potenciais, textos incoativos, textos em expansão, na medida em que possuem uma (boa) representação enciclopédica, “[...] um *programa narrativo* potencial [...]” (Greimas 1973: 174, *apud* Eco 1983: 21), conforme se verá ao longo desta exposição, cuja finalidade é precisamente a sua explicitação.

Num primeiro momento, apresenta-se o percurso semiótico, que consta das três etapas seguintes:

- (1) Levantamento dos feixes de proposições básicas que constituem, por assim dizer, o esqueleto do discurso;
- (2) Determinação das principais isotopias;
- (3) Explicitação da semiose desta narrativa discursiva;

e, num segundo momento, indicam-se algumas pistas para uma leitura dos *Bichos* a partir desta análise, com destaque destes dois aspectos (também em duas secções):

- (4) A ‘luz’ como *Leitmotiv*;
- (5) As antinomias estruturadoras dos demais contos.

As duas primeiras etapas pretendem mostrar, por um lado, a selecção que o texto faz das propriedades pertinentes (ou enfatizadas), em detrimento das não pertinentes, estabelecendo as isotopias no interior do texto e, por outro, os dispositivos textuais pelos quais o texto orchestra o tema (ou *topic*) e, juntamente com pressuposições pré-textuais e intertextuais, conferem coesão textual ao mesmo.

A terceira etapa mostra um resultado, um produto, ou um ponto de chegada cujo ponto de partida são as duas primeiras. Noutros termos: as duas primeiras etapas, partindo das *expressões* (ou *representamina*), constituem os *interpretantes* (em termos de filosofia peirciana) e interpretantes

¹ Esta ideia já apareceu e/ou é retomada noutros trabalhos do autor: Eco (1983: 25-27) e (2001: 195-197 e *passim*).

de interpretantes que nos permitem chegar ao *objecto imediato*: a semiose desta narrativa. Deste modo, estaremos aptos para agir sobre o *objecto dinâmico* ou *continuum* (Hjelmslev 1980: *passim*) que é, afinal de contas, o próprio mundo da realidade.

As duas últimas secções destacam a unidade de *Bichos*, considerados na sua globalidade.

1. Dos feixes de proposições básicas (ou macroproposições)

No conto “Morgado”, é possível determinar, a nível das *estruturas narrativas*, os seguintes feixes de proposições básicas (ou macroproposições) centradas nas personagens principais:

- (i) *Macroproposição de natureza transformativa intencional com Morgado como protagonista, desejando alcançar a felicidade.*

Morgado pertence a Preguiças, um moleiro que não lhe faz a vida fácil. Vive infeliz em casa de Preguiças, sobretudo porque come mal e recebe maus tratos. Verificamos, depois, que o moleiro quer vender o Morgado e este deseja ser vendido (para alcançar a felicidade). O moleiro vende o Morgado a um almocreve, que é o actual patrão. Todavia, Morgado só alcança a felicidade parcialmente: nos primeiros dias é bem tratado, mas eis que de repente o almocreve, o seu patrão, “recusara-lhe as festas desta maneira:

– Deixa-te lá de brincadeiras e enche-me esse bandulho, que amanhã de madrugada, nem que chovam picaretas... (p. 49)

É através de uma analepse que se toma conhecimento desta macroproposição.

- (ii) *Macroproposição de natureza transformativa intencional com Morgado como protagonista, pretendendo ser tratado como gente e, conseqüentemente, alcançar a felicidade (porque ainda a não alcançara).*

Verificamos, nesta macroproposição, que Morgado pertence ao almocreve, o seu patrão, e que este não lhe faz a vida fácil. Recebe maus tratos. Morgado deseja ser tratado com boas palavras (“A gente também vive de boas palavras.” (p. 49)). Não há nenhuma transformação, no sentido de alcançar a felicidade. Há, sim, uma transformação para pior: o almocreve empreende uma viagem que Morgado não vê com bons olhos. Então, em vez de alcançar a felicidade, Morgado atinge uma situação trágica: é comido pelos lobos.

- (iii) *Macroproposição de natureza transformativa intencional com Morgado como personagem principal, pressentindo a morte e querendo salvar a vida.*

Morgado encontra-se em casa do almocreve. Há uma causa que faz gerar esta macroproposição transformativa: Morgado viaja de madrugada. Morgado ouve uivos. Morgado pensa salvar a vida. Há uma ajuda (almocreve), mas é involuntária, porque ele pretende salvar-se a si próprio. Há vários oponentes: Morgado é atacado pelos lobos; viagem longa; Morgado caminha de noite; viagem no Inverno; silêncio enigmático de ambos (almocreve e Morgado caminham calados) e Morgado sente-se cansado. Não atinge uma situação 2 (a salvação), mas, sim, uma situação 3t (trágica: morre abandonado pelo seu patrão).

Verificamos, desde o primeiro momento, que Morgado pressente a sua morte. E nós, leitores, apercebemo-nos disso porque há toda uma série de signos premonitórios.

- (iv) *Macroproposição de natureza transformativa intencional com almocreve como personagem principal, pretendendo salvar a vida e os bens materiais.*

O almocreve anuncia uma longa viagem. Morgado pressente algo. Almocreve, já em plena viagem e no coração da noite, ouve uivos e pensa regressar a casa. Para isso, descarrega Morgado e monta-o, cavalcando desatinadamente. Almocreve atinge esta situação, porque é ajudado por Morgado. Há, todavia, um oponente, que é a velhice de Morgado. Mas, apesar de tudo, e apesar de toda a desumanidade, o almocreve consegue salvar a vida e os bens materiais (“salvava a vida com a vida dele...”; “Só quando viu o dono a caminhar pela serra fora de albarda às costas [...]” (p. 58)

- (v) *Macroproposição de natureza sucessiva com Morgado como personagem principal, mostrando a proveniência e o fim de Morgado.*

Morgado pertence a Preguiças. É vendido. Um almocreve compra-o e, de início, faz-lhe a vida fácil. A certa altura, o patrão (o almocreve) diz-lhe que têm de fazer uma viagem longa. Morgado vê nessa viagem um agoiro. Para corroborar este pressentimento terrível, em plena viagem, Morgado ouve uivos. Todavia, pensa que está ali o seu patrão para o salvar. Morgado fica só: é abandonado pelo seu patrão. Morgado é apanhado pelos lobos. Morgado é comido por estes (“[...] e sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, [...]” (p. 58)

(vi) *Macroproposição de natureza argumentativa: fábula com Morgado e almocreve como personagens exemplificativas: o medo e a ganância transformam o homem em animal.*

- a) Se o homem for ganancioso, torna-se animal.
- b) Se o homem não for ganancioso, não se torna animal.
- c) O almocreve é ganancioso, por isso torna-se animal.
- d) Se quisermos ser homens, não devemos ser gananciosos.

Construiu-se esta macroproposição argumentativa com base no seguinte extracto discursivo:

– Minhas ricas dezassete libras...

– A estas digo-lhes adeus...

– Mas apenas o almocreve desmontou, e num relâmpago lhe tirou os aparelhos, [ganância] acabou por compreender que o ia abandonar ali, esfalfado, coberto de suor, indefeso, à fome do inimigo. Salvava a vida com a vida dele... E lamentava as suas dezassete libras! [ganância]

E, afinal, a manhã vinha a romper!... Só quando viu o dono caminhar pela serra fora de albarda às costas [ganância que o torna animal] – não se envergonhar! [intromissão do narrador, a nível do discurso, para nos situar no mundo possível e construir o seu leitor modelo] – e sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, é que reparou que a luz do dia começava a desenhar as coisas e a dar significação a tudo. (p. 58)

Destas seis macroproposições, a número (vi) pode ser considerada como a macroproposição das macroproposições (ou *arquimacroproposição*), porque é através dela que se chega mais directamente à semiose deste texto. Pode chamar-se-lhe a macroproposição primária. As restantes são secundárias, uma vez que existem em função daquela primeira. Isto é o que se passa a nível das *estruturas narrativas*.

2. Das isotopias e do *topic*

Passemos, agora, ao nível das *estruturas discursivas* e tentemos encontrar as isotopias que nos levam à individualização do *topic* pelo processo da magnificação e narcotização de propriedades.

Greimas (*cf.*, por exemplo, Courtés 1979: 63-65 e Reis & Lopes 2007: 211-215) define *isotopia* como a redundância de classemas na mesma manifestação textual. Partindo deste pressuposto, vejamos quais as isotopias que são susceptíveis de escolha neste texto:

Felicidade	<i>vs</i>	Infelicidade
Vida	<i>vs</i>	Morte
Alegria	<i>vs</i>	Tristeza
Clareza	<i>vs</i>	Escuridão
Fome	<i>vs</i>	Fartura
Ganância	<i>vs</i>	Dignidade

Estas isotopias desenvolvem-se, regra geral, por repetição sinonímica ou tautológica e por associação de ideias, conforme se depreende do levantamento que se segue:

(i) Felicidade:

“Mas logo que o viu contar as dezassete moedas [...], cantou aleluias.” (p. 50); “quando viu o contrato fechado, sentiu-se redimido.” (p. 51); “[...] uma manta a resguardá-lo dum resfriado, [...]” (p. 51); “[...], de tão feliz” (p. 51).

(ii) Infelicidade:

“[...] com cara de poucos amigos, [...]” (p. 49); “Meteu a viola no saco, [...]” (p. 49); “andava, [...], de coração apertado.” (p. 49); “aqueles modos do dono até parece que endureciam o feno.” (p. 49); “Vida negra” (p. 51); “A ceia correrá mal [...] e os bons dias foram este consolo, pouco mais ou menos: – Vamos lá! Vamos lá, que são seis léguas de serra...” (p. 51).

(iii) Vida:

“[...] agora pusera-se a petiscar lume num seixo com a folha de aço da navalha.” (p. 55); “Pretenderia o patrão tentar a fuga? [...] Nem mais” (p. 56); “Depois de o aliviar da carga, o dono saltara-lhe para cima, dera-lhe meia volta e metera-se a toda a brida a caminho de casa.” (p. 56); “Ah, o patrão não ter um trabuco dos tais!” (p. 57); “Aguenta, Morgado! Não esmoreças, pelo amor de quem lá tens!” (p. 57); “Salvava a vida com a vida dele...” (p. 58); [Repare-se que a própria aliteração em [v] sugere a ideia de vida].

(iv) Morte:

“De maneira que recebeu a carga aperreado, e meteu-se ao caminho a malucar no pior.” (p. 51); “Nunca lhe acontecera, como hoje, ir com os cinco sentidos num alarme constante.” (p. 52); “Morgado começou a sentir o corpo arrepiado e a desejar com desespero a luz da manhã.” (p. 52); “[...] horas mortas da noite.” (p. 52); “Ele a pensar no mal, e a ponta dum uivo tenebroso a furar-lhe os ouvidos.” (p. 53); “[...] num pânico mortal.” (p. 53); “Há dias que trazia dentro do peito um pressentimento negro.” (p. 54); “Galopava à sobreposse, e assim havia de continuar até rebentar os peitos.” (p. 56); “Mas chegara ao limite das forças.” (p. 57); “[...], acabou por compreender que o ia abandonar ali, esfalfado, coberto de suor, indefeso, à fome do inimigo.” (p. 58); “[...] e sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, [...]” (p. 58).

Estes recortes textuais, um pouco extensos, exemplificam bem, através de semas aparentados, a isotopia da *morte*.

(v) Alegria:

“Mas logo que o viu contar as dezassete moedas e pegar-lhe à arreata, cantou aleluias.” (p. 50); “[...], parecia-lhe que tinha asas, de tão feliz.” (p. 51); “Mas, bem comido e bebido, um homem trabalha com alegria.” (p. 51).

(vi) Tristeza:

“Vida negra!” (p. 51); “Mas o inverno corria daquela maneira: ou nevões de cair a alma de tristeza, ou então um tempo assim, frio, húmido, cortado por lufadas ásperas de ventania.” (p. 52); “Em vez de encher a alma de esperança, cobria-a de agoiro!” (p. 52); “Depois, a repugnância da ceia, o acordar sobressaltado, as horas soturnas do caminho, e, a coroar tudo, o silêncio enigmático e desacostumado do dono...” (p. 54).

(vii) Fome:

“Comida – carqueja, palha cevada estreme, e só lá de tempos a tempos uma pitada de grão.” (pp. 50-51).

(viii) Fartura:

“À chegada, [...] milhão branco e graúdo na manjedoura.” (p. 51); “[...], bem comido e bebido, [...]” (p. 51).

Esta bipolaridade isotópica, pouco relevante na estrutura do conto, traduz, no entanto, a diferença de alimentação em casa do Preguiças e em casa do actual patrão. Evidentemente que se pode dizer que uma boa alimentação é já uma condição de felicidade.

(ix) Claridade:

“[...] luz da manhã.” (p. 52); [...] o sol alumiasse [...]” (p. 52); “E, afinal, a manhã vinha a romper!... Só quando viu [...], é que reparou que a luz do dia começava a desenhar as coisas [...]” (p. 58).

(x) Escuridão:

“noite” (p. 52); “noite” (p. 53); “noite” (p. 55); “escuridão” (p. 52); “escuridão” (p. 55); “negrura” (p. 53); “Ah, mas sabe Deus onde viria ainda o dia!” (p. 52); “negrura cerrada” (p. 53); [...] coração da noite” (p. 55); “E a manhã sem romper!” (p. 57); [...], e nem ao menos um sinal de alvorecer!” (p. 57).

Esta bipolaridade isotópica ajuda a corroborar as isotopias de *vida* (clareza) e *morte* (escuridão) que perpassam todo o texto.

(xi) Ganância:

“– Deixa-te lá de brincadeiras e enche-me esse bandulho, que amanhã de madrugada, nem que chovam picaretas... ” (p. 49); “Não é estampa para tanto dinheiro.” (p. 50); “– Deixe o garrano por dezasseis, e já é caro como fogo...” (p. 50); “– Você quer que lho carreguem de oiro!” (p. 50); “[...], e num relâmpago lhe tirou os aparelhos, [...]” (p. 58); “[...] viu o dono a caminhar pela serra fora de albarda às costas [...]” (p. 58).

(xii) Dignidade:

“Meteu a viola no saco, [...]” (p. 49); “Em todo o caso, não pensasse o amo que se negava. Não. Galopava à sobreposse, e assim havia de continuar até rebentar os peitos. Se discordava da resolução, é porque realmente estava convencido de que nada se resolvia com panos quentes.” (p. 56); “Quem dá o que tem...” (p. 58).

Esta última bipolaridade isotópica é a mais importante de todas, porque é ela a principal portadora do *topic* ou *tema* deste texto.

2.1. *Dispositivos textuais e bipolaridades isotópicas*

Vejam os agora alguns dispositivos textuais que ressaltam e revelam as *bipolaridades isotópicas* acabadas de estudar, conferindo coesão textual ao conto: (i) marcação, (ii) conotação e (iii) pressuposições pré-textuais e intertextuais (Metzeltin’ 1981: 93-108).

2.1.1. *Estratégias de marcação*

(i) São marcados por *repetição* os semas de ‘felicidade’ / ‘infelicidade’, ‘morte’ / ‘vida’, ‘tristeza’ / ‘alegria’, ‘claridade’ / ‘escuridão’, ‘dignidade’ / ‘ganância’, como pode ver-se pelo levantamento das isotopias;

(ii) São marcados por *simbolismo* a ‘ganância’ do almocreve e a ‘dignidade’ de Morgado;

(iii) São marcados por *contraste* os comportamentos do almocreve (ganancioso) e de Morgado (humilde e cumpridor dos seus deveres);

(iv) A semiose do conto está marcada *posicionalmente*: os semas de ‘ganância’ marcados no princípio e no fim do conto. Vejamos:

À ceia, o patrão, com cara de poucos amigos, recusara-lhe as festas desta maneira:

– Deixa-te lá de brincadeiras e enche-me esse bandulho, que amanhã de madrugada, nem que chovam picaretas... [começo do conto (p. 49)] [...] Só quando viu o dono a caminhar pela serra fora de albarda às costas – não se envergonhar! [...] [fim do conto (p. 58)];

(v) A personagem principal é marcada por *título*: *Morgado* é o título do conto, que era o nome dado ao filho primogénito, herdeiro dos bens da família. Daí o significado de “uma pessoa estimada por todos” e “pessoa de vida fácil e agradável”. É precisamente o contrário desta narrativa discursiva: foi por anti-frase que o nome lhe foi atribuído.

2.1.2. *O papel da conotação*

Alguns sememas deste conto, para além do seu significado denotativo, veiculam informações sobre a mundividência do narrador – o mundo no qual nos devemos movimentar: o mundo dos gananciosos e hipócritas.

Entre outras, podem salientar-se as conotações de ‘esperança de vida’:

“a luz da manhã” (p. 52); “Ah, mas sabe Deus onde viria ainda o dia!” (p. 52); “[...] manhã sem romper!” (p. 57); [...] sinal de alvorecer!” (p. 57); “[...] luz do dia [...]” (p. 58);

de ‘morte’:

“[...] coração apertado.” (p. 49); “[...], Morgado começou a sentir o corpo arrepiado [...]” (p. 52); “[...] as horas mortas da noite.” (p. 52); “[...] negrura cerrada, [...]” (p. 53); “[...] terror [...]” (p. 53); “[...] noite.” (p. 53); “[...] bioco da noite, [...]” (p. 54); “[...] pressentimento negro.” (p. 54); “[...] coração da noite.” (p. 55);

de ‘ganância’:

“– Deixe o garrano por dezasseis, e já é caro como fogo...” (p. 50); “– Minhas ricas dezassete libras... [...]. – A estas digo-lhes adeus...” (p. 58); “[...] de albarda às costas [...]” (p. 58).

2.1.3. *Pressuposições pré-textuais e intertextuais*

O conto “Morgado” encontra-se na esteira das fábulas² de Esopo, Fedro e La Fontaine. Estando na posse destes *frames* ou encenações, consegue-se reconstituir o percurso que nos conduz à descoberta da semiose: conhecimento dos *frames* → escolha das *isotopias* → individualização do *topic*.

Tendo em consideração todos estes conhecimentos acerca deste texto, é relativamente fácil verificar a *coesão textual*, que se processa do seguinte modo:

repetição de *macroproposições* semelhantes;

repetição de *semas* que nos permitem seleccionar as isotopias, e, por sua vez, o *tema*;

marcação e *conotação* de sememas.

² Sobre o conceito de ‘fábula’, em geral, e o de ‘fábula como género ilustrado’, em particular, e, ainda, outras propriedades correlacionadas, cf. Mariño (2007: 13 e ss.).

3. Da semiose

Resta-nos apresentar a semiose, que é, afinal, o ponto de chegada deste percurso semiótico.

Como se disse há pouco, a bipolaridade isotópica *ganância / dignidade* é a portadora da semiose deste texto: crítica à ganância e elogio à dignidade.

Em síntese, poder-se-ia representar, através de um quadrado semiótico (cf., por exemplo, Reis & Lopes 2007: 150-151 e 279-281) que articulasse os termos /humanidade/ e /animalidade/, bem como os respectivos contraditórios e, ainda, as implicações, o conteúdo do texto em análise³:

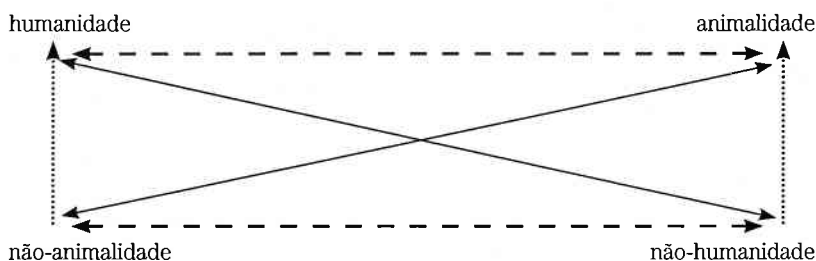


FIGURA 1. Semiose do conto “Morgado”

O almocreve, pelo seu comportamento ignóbil, animaliza-se (“*de albarda às costas*” – símbolo da animalidade) e *Morgado*, ao invés, pelo seu comportamento digno, humaniza-se; e é à luz do dia que cabe a revelação deste significado:

E, afinal, a manhã vinha a romper!... Só quando viu o dono a caminhar pela serra fora de albarda às costas – não se envergonhar! – e sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, é que reparou que a luz do dia começara a desenhar as coisas e a dar significação a tudo.

E agora, em jeito de corolário, uma ‘leitura ilustrada’⁴ que, ao focalizar as fases cruciais da narrativa em análise, não só complementa a interpretação que acaba de se fazer como também procede ao seu visionamento.

³ A *Figura 1* visualiza três tipos de relações: $\leftarrow - - \rightarrow$: relação entre contrários, \longleftrightarrow : relação entre contraditórios e $\cdots\cdots>$: relação de implicação.

⁴ A ilustração deste estudo deve-se, por solicitação do autor, a Silke Roettger.

Vejamos, pois:

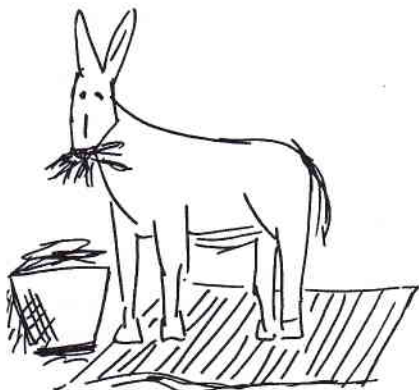


FIGURA 2.

Em casa do almocreve (o novo dono), mimos e mais mimos: “À chegada, logo uma manta a resguardá-lo dum resfriado, e milhão branco e graúdo na manjedoura.”

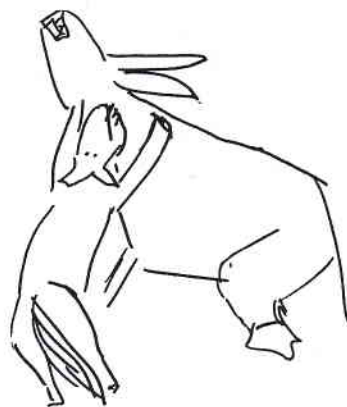


FIGURA 3.

Viagem fatal ou do seu fim trágico: abandonado pelo dono, “[...] sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, [...]”



FIGURA 4.

O raiar da manhã permite-nos ver o almocreve de albarda às costas: “[...] a luz do dia começara a desenhar as coisas e a dar significação a tudo.”

4. Da "luz" como *Leitmotiv*

O *Leitmotiv* da 'luz', consubstanciado no luar, no sol, no amanhecer, etc., que perpassa os *Bichos*, apresenta os sentidos de esperança, visionamento/testemunho da passagem da vida para a morte ou, simplesmente, de várias outras transformações.

4.1. Em "Nero", p. 26, podemos ler:

E à noite, quando *o luar dava em cheio* na telha vã da casa, e os montes de S. Domingos, lá longe, pareciam ter já saudade das suas patas seguras e delicadas, quando o cheiro da última perdiz se esvaiu dentro de si, quando o galo cantou a anunciar *a manhã que vinha perto*, quando a imagem do filho se lhe varreu do juízo, fechou duma vez os olhos e morreu.

Aqui, para nos mostrar, apontando, a morte de Nero.

4.2. Em "Mago", pp. 35 e 36:

Fugiu desvairado pelos telhados fora. *A lua, cada vez mais branca lá no alto, olhava-o* com desdém. A cidade, adormecida, parecia um cemitério sem fim. Da torre duma igreja saía um pio agoirento.

[...]

Vinha rompendo a manhã. Um sino ao longe deu seis horas. Abriam-se as primeiras janelas. Grandes laivos avermelhados anunciavam *a chegada próxima do sol*.

Aqui, para nos mostrar o regresso de Mago aos braços de D. Sância, à inação, à paz podre.

4.3. Em "Madalena", p. 41:

E vinha o sol a nascer, este mesmo *sol* que agora lhe estonava a carne, metera pés a caminho.

Aqui, para nos mostrar a saída, sorrateira, de Madalena, para encobrir até ao fim o seu estado (grávida).

4.4. Em "Bambo", pp. 65-66:

Inesperadamente, *quando o sol, pela manhã, ao começar o seu giro*, coscuvilhava os recantos do planeta, um canteiro, que no dia atrás era chão eníg-

mático, aparecia coberto duma verdura virgem, casta, feita de esperança, água e cor. E só mesmo Bambo conhecia a grandeza do mistério, e o cercava de amor. Nenhuma outra consciência seguira no coração da noite os transe da transmutação germinativa. E nenhuma outra inquietação fazia sentinela ao milagre.

Aqui, para nos mostrar os transe da transmutação germinativa.

4.5. Em “Tenório”, p. 79:

A manhã vinha a romper e, com a luz do dia, a casa movimentou-se. Às tantas, a velha começou a afiar a faca no alguidar.

Aqui, para nos mostrar a morte de Tenório, ao ser substituído pelo filho (ciclo da vida).

4.6. Em “Jesus”, p. 83:

Só depois, à volta do *lume quente do cepo de oliveira em brasido*, é que os pais disseram um ao outro algumas palavras enigmáticas, que o pequeno não entendeu.

Aqui, para nos mostrar os pais a trocarem palavras enigmáticas entre si.

4.7. Em “Cega-Rega”, p. 87:

Nesse momento, porém, *um raio quente de sol* caiu-lhe amorosamente sobre o dorso. Contraindo-se de volúpia. E, da plenitude que a empolgou, ergueu-se a voz de triunfo.

Aqui, para nos mostrar a cigarra a erguer a voz de triunfo, pois cantar também é trabalhar.

4.8. Em “Ladino”, p. 95:

Acordava de madrugada, quando *a manhã rompia ao sinal de Tenório*, o galo.

Aqui, para nos mostrar como Ladino se poupava, dormindo a sono solto toda a noite (por isso chegou a velho).

4.9. Em “Farrusco”, p. 108:

Pela manhã, ainda o sol vinha lá para Galegos, já ele tinha de estar de perna à vela, pronto para comer a bicharada da veiga, e rir de novo, se alguma tola de Vilar de Celas se fiasse outra vez no aldrabão do cuco.

5. Das antinomias estruturadoras dos demais contos

Como assinaiei, apresento agora, mesmo no remate deste estudo, as antinomias que julgo estruturarem os restantes treze contos que constituem os *Bichos*, e faço-o seguindo a ordem por que aparecem no livro, ou seja, começo pelas do conto “Nero” e termino com as do conto “Vicente”⁵.

5.1. “Nero” (o cão), pp. 11-26:

Vida	vs	Morte
Juventude	vs	Velhice
Solidão	vs	Companhia
Simpatia	vs	Antipatia

5.2. “Mago” (o gato), pp. 27-37:

Liberdade	vs	Aprisionamento
Lealdade	vs	Deslealdade
Humilhação	vs	Dignidade
Frustração	vs	Realização
Infelicidade (presente)	vs	Felicidade (passado)
Lassidão	vs	Energia

5.3. “Madalena” (um ser humano que dá à luz, sozinha, no meio do monte, como um animal), pp. 39-47:

Sede	vs	Abundância de água
Presente, urgente	vs	Futuro, vago
Animalização	vs	Humanização
Solidão	vs	Companhia

⁵ Cf., em parte sobre esta matéria mas também afim, Moreira-da-Silva (1980).

5.4. “Bambo” (o sapo), pp. 59-67:

Escuridão	vs	Clareza
Vida	vs	Morte
Silêncio	vs	Ruído
Solidão	vs	Companhia
Desilusão	vs	Ilusão
Natureza (campo)	vs	Sociedade (dinheiro)

5.5. “Tenório” (o galo), pp. 69-79:

Força	vs	Fraqueza
Felicidade (passado)	vs	Infelicidade (presente)
Liberdade	vs	Opressão
Vida	vs	Morte
Juventude	vs	Velhice
Alegria	vs	Tristeza
Encanto	vs	Desencanto
Importância	vs	Zé-ninguém

5.6. “Jesus” (o Menino-Deus), pp. 81-84:

Dia	vs	Noite
Interesse	vs	Desinteresse
Simplicidade	vs	Complexidade
Sonho (magia)	vs	Realidade
Sobrenatural	vs	Natural
Alto	vs	Baixo
Céu	vs	Terra

5.7. “Cega-Rega” (a cigarra), pp. 85-89:

Vida	vs	Morte
Felicidade	vs	Infelicidade
Silêncio	vs	Ruído
Material	vs	Espiritual
Perfeição	vs	Imperfeição
Alegria	vs	Tristeza
“Boa Vida”	vs	Trabalho

5.8. “Ladino” (o pardal), pp. 91-97:

Juventude	<i>vs</i>	Velhice
Sinceridade	<i>vs</i>	Mentira (manha)
Egoísmo	<i>vs</i>	Solidariedade
Despreocupação	<i>vs</i>	Preocupação
Cuidado	<i>vs</i>	Negligência

5.9. “Ramiro” (um pastor insociável, que não passa de um bicho, comportando-se como tal), pp. 99-103:

Solidão	<i>vs</i>	Companhia
Falar	<i>vs</i>	(gritar, grunhir), Assobiar
Linguagem verbal	<i>vs</i>	Linguagem gestual
Silêncio	<i>vs</i>	Ruído
Vida	<i>vs</i>	Morte

5.10. “Farrusco” (o melro), pp. 105-108:

Noite	<i>vs</i>	Dia
Tristeza	<i>vs</i>	Alegria
Certeza	<i>vs</i>	Dúvida
Vencido	<i>vs</i>	Vencedor
Mal	<i>vs</i>	Bem
Estabilização	<i>vs</i>	Desestabilização

5.11. “Miura” (o toiro), pp. 109-117:

Liberdade	<i>vs</i>	Opressão (encurralamento)
Animalização	<i>vs</i>	Humanização (do toiro)
Natureza	<i>vs</i>	Artificialismo
Felicidade (passado)	<i>vs</i>	Infelicidade (presente)
Humilhação	<i>vs</i>	Exaltação

5.12. “O senhor Nicolau” (a sua transformação em bicho), pp. 119-125:

Solidão	<i>vs</i>	Companhia
Infelicidade	<i>vs</i>	Felicidade
Frustração	<i>vs</i>	Realização

5.13. “Vicente” (o corvo), pp. 127-134:

Libertação vs Aprisionamento
 Rebeldia vs Obediência
 Independência vs Dependência
 Humanidade vs Divindade

Referências

COURTÉS, Joseph

1979 *Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva* (tradução de Norma Backes Tasca). Coimbra: Livraria Almedina.

Eco, Umberto

1983 *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*. Lisboa: Editorial Presença.

1984 *Conceito de Texto* (tradução de Carla de Queiroz). São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo.

2001 *Semiótica e Filosofia da Linguagem* (tradução de Maria de Bragança). Lisboa: Instituto Piaget.

HELMSEV, Louis

²1980 *Prolegómenos a una teoría del lenguaje* (traducción de José Luís Díaz de Liaño). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos.

MARIÑO, Francisco Manuel

2007 *La estatua de bronce. Las fábulas en prosa de Lessing y la traducción de Hartzenbusch*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial.

METZELTIN, Michael

1981 *Introdução à Leitura do Romance da Raposa. Ciência do Texto e sua Aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.

MOREIRA-DA-SILVA, Lino

1980 *Estudo Orientado dos “Bichos” de Miguel Torga*. Porto: Porto Editora.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M.

⁷2007 *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

TORGA, Miguel

¹¹1981 *Bichos* (Contos). Coimbra: Edição do Autor.

havana